

26/7/93

Presidente da Renamo pede a Portugal para evitar em Moçambique situação idêntica à de Angola

O presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, lamentou que Portugal não assume as suas responsabilidades de mediador no processo de paz moçambicano.

Considerando que Portugal «tem mais responsabilidades do que qualquer outro País», Dhlakama apelou ao Governo de Lis-

boa para que aceite este papel de mediador, sobretudo para evitar que a situação actualmente vivida em Angola se repita em Moçambique.

«Portugal poderá fazer mais do que tem feito até agora» — disse o líder da Renamo, em entrevista ao programa do Canal 1 da RTP «Marcha do Tempo»,

emmitido sexta-feira finda.

Face às consequências do conflito de Luanda — «os angolanos continuam a matar-se» — Portugal devia, na óptica de Dhlakama, «enviar uma mensagem forte às partes intervenientes» de modo a evitar uma situação semelhante em Moçambique após as eleições previstas para 1994 pelo Acordo de Roma.

Quanto às eleições, Afonso Dhlakama afirmou-se disposto a aceitar derrota «justa e democrática» e a passar à oposição.

«Eu conheço o que é a democracia. Fui eu que lutei pela democracia neste País», justificou.

Mas — advertiu — «se me fizerem perder com fraudes, não vou aceitar. Vou fazer barulho e recor-

rer à Comunidade Internacional».

Igualmente entrevistado pela «Marcha do Tempo», o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, admitiu também a sua passagem à oposição no caso de uma derrota eleitoral, mas recusou-se a definir cenários políticos, nomeadamente coligações ou um Governo de unidade nacional, se, pelo contrário, a Frelimo sair vitoriosa das eleições.

Quanto a um desfecho violento das eleições, Chissano afirmou: «tudo indica que isso não vai acontecer, talvez porque levamos muito tempo a negociar (o Acordo de Roma), com muita paciência.

«Entrámos na aplicação do acordo com uma deter-

minação que permite que, passados oito meses (da sua assinatura), não haja violações do cessar-fogo», acrescentou.

O presidente moçambicano foi firme na rejeição de uma situação de guerra no País após as eleições: «o líder da Renamo tem estado a repetir que não quer guerra. Nós temos repetido que não queremos a guerra. O Povo tem repetido que não quer mais guerra...».

«Situações de violência só se vierem de fora, por instigação exterior...», continuou.

Segundo Joaquim Chissano, as eleições em Moçambique decorrerão «o mais tardar» até Outubro de 1994.